

Estudo Teórico

Entre destruição e subversão: o suicídio como resposta ao trauma

Between destruction and subversion: suicide as a response to trauma

Entre la destrucción y la subversión: el suicidio como respuesta al trauma

Larissa Brandt¹ 
Leonardo Câmara² 

¹Autora para correspondência. Universidade Federal de São Carlos (São Paulo). São Paulo, Brasil. larissabrandtt@gmail.com

²Universidade Federal de São Carlos (São Paulo). São Paulo, Brasil. lpcamara@ufscar.br

RESUMO | INTRODUÇÃO: O suicídio consiste em um fenômeno complexo que integra em si as diversas relações entre a vida e a morte e que, apesar dos grandes avanços científicos, continua predominantemente obscuro e enigmático ao campo científico. Os diversos modos e significados assumidos pelo comportamento suicida são fortemente influenciados por ambos os aspectos subjetivos e coletivos do contexto psicossocial em que se manifesta. Entretanto, mesmo sendo considerado um problema de saúde pública de extrema urgência e relevância social, o suicídio ainda é frequentemente tratado pela sociedade de forma reducionista e permeada por tabus e crenças problemáticas. **OBJETIVO:** Investigar, a partir das obras de Sigmund Freud e Sándor Ferenczi, as possibilidades de resignificação do suicídio em decorrência do trauma psíquico, tendo como principal guia as ações e efeitos da pulsão de morte neste processo. **MÉTODO:** Trata-se de um estudo teórico de caráter exploratório e baseado na análise da literatura psicanalítica clássica acerca do tema. **RESULTADOS:** Identificou-se como principal resultado que, quando contextualizado ao cenário traumático, o suicídio pode tornar-se o último recurso de proteção contra as forças externas destrutivas. Neste sentido, ao empregar as potências da pulsão de morte objetivando a preservação do sujeito, o suicídio configura-se como principal símbolo da insubordinação frente ao trauma. **CONCLUSÃO:** A pulsão de morte consiste em um dos principais meios pelos quais fenômenos como o suicídio podem ser repensados e resignificados em sua relação com as diversas esferas das vivências humanas, em especial o trauma psíquico.

PALAVRAS-CHAVE: Suicídio. Pulsão de Morte. Trauma psíquico.

ABSTRACT | INTRODUCTION: Suicide consists of a complex phenomenon that integrates the various relationships between life and death and which, despite great scientific advances, remains predominantly obscure and enigmatic to the scientific field. The different forms and meanings assumed by suicidal behavior are strongly influenced by both subjective and collective aspects of the psychosocial context in which it is manifested. It is known that suicidal behavior can assume several forms and meanings, being strongly influenced by both subjective and collective aspects of the psychosocial context in which it is manifested. However, even though it is considered a public health problem of extreme urgency and social relevance, suicide is still often treated by society in a reductionist way and permeated by taboos and problematic beliefs. **OBJECTIVE:** To investigate, based on Sigmund Freud's and Sándor Ferenczi's works, the possibilities of re-signifying suicide as a result of psychic trauma, having as main guide the actions and effects of death drive in this process. **METHODS:** It consists of a theoretical study of exploratory character based on the analysis of classical literature about the theme. **RESULTS:** It was identified as the main result that, when contextualized to a traumatic scenario, suicide can become the last resource of protection against destructive external forces. In this sense, by employing the powers of the death drive aiming at the subject's preservation, suicide is configured as the main symbol of insubordination to trauma. **CONCLUSION:** The death drive consists in one of the main ways through which phenomena, such as suicide, can be rethought and re-signified in its relation with the several spheres of human experiences, especially psychic trauma.

KEYWORDS: Suicide. Death instinct. Psychic trauma.

Submetido 06/04/2022, Aceito 27/10/2022, Publicado 09/02/2023

Rev. Psicol. Divers. Saúde, Salvador, 2023;12:e4549

<http://dx.doi.org/10.17267/2317-3394rpd.2023.e4549>

ISSN: 2317-3394

Editoras responsáveis: Mônica Dalto, Marilda Castelar

Como citar este artigo: Brandt, L., & Câmara, L. (2023). Entre destruição e subversão: o suicídio como resposta ao trauma. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, 12, e4549. <http://dx.doi.org/10.17267/2317-3394rpd.2023.e4549>



RESUMEN | INTRODUCCIÓN: El suicidio consiste en un fenómeno complejo que integra las diversas relaciones entre la vida y la muerte y que, a pesar de los grandes avances científicos, sigue siendo predominantemente oscuro y enigmático para el campo científico. Los diferentes modos y significados que asume la conducta suicida están fuertemente influenciados por aspectos tanto subjetivos como colectivos del contexto psicosocial en el que se manifiesta. Sin embargo, a pesar de ser considerado un problema de salud pública de extrema urgencia y relevancia social, el suicidio sigue siendo tratado con frecuencia por la sociedad de forma reduccionista y impregnado de tabúes y creencias problemáticas. **OBJETIVO:** Indagar, a partir de los trabajos de Sigmund Freud y Sándor Ferenczi, las posibilidades de resignificación del suicidio como consecuencia de un trauma psíquico, teniendo como guía principal las acciones y efectos de la pulsión de muerte en ese proceso. **MÉTODOS:** Se trata de un estudio teórico de carácter exploratorio basado en el análisis de la literatura clásica sobre el tema. **RESULTADOS:** Se identificó como resultado principal que, cuando contextualizado al escenario traumático, el suicidio puede convertirse en el último recurso de protección contra las fuerzas externas destructivas. En este sentido, al emplear los poderes de la pulsión de muerte con el objetivo de preservar al sujeto, el suicidio se configura como el principal símbolo de insubordinación frente al trauma. **CONCLUSIÓN:** La pulsión de muerte es uno de los principales medios por los cuales fenómenos como el suicidio pueden ser repensados y resignificados en su relación con varias esferas de las experiencias humanas, especialmente el trauma psíquico.

PALABRAS CLAVE: Suicidio. Pulsión de muerte. Trauma psíquico.

Introdução

Os questionamentos acerca da vida e da morte acompanham a humanidade desde seus primórdios, permeando diretamente a construção das civilizações e seus valores éticos e morais. A morte consiste em um fenômeno que integra em si as dimensões biológica, psicológica e sociológica da existência humana, dado que a morte orgânica é perpassada por representações simbólicas coletivas e é experienciada individualmente como subjetividade (Berenchtein Netto, 2007). Historicamente, a definição do suicídio sofre diversas transformações, dificultando a lapidação de um conceito consensual sobre o fenômeno que de fato abarque toda sua complexidade. Com origem no latim *suicidium* (*sui* - de si próprio; *caedere* - matar), a palavra suicídio é usualmente empregada para indicar o ato no qual uma pessoa deliberadamente decide dar fim a sua própria vida. Entretanto, apesar de suas diversas variações, a consumação do suicídio tende a se dar na ação (própria ou de terceiros), na intenção (o objetivo deve ser claro e definido), e no sujeito (a busca pela morte deve ser direcionada a si próprio) (Fairbairn, 1999).

Nas sociedades industriais, onde a morte significa a perda de produção e de consumo, as ciências médicas empregam todos os seus artifícios e recursos na busca pelo prolongamento da vida. Nesse sentido, o suicídio caracteriza-se como um fenômeno que questiona essa configuração social e que possibilita vislumbres da realidade da mortalidade humana. O ato suicida introduz em si uma nova forma de visualizar as relações entre a vida e a morte e aprofundar os questionamentos acerca da oposição absoluta entre estes dois elementos (Cassorla, 2021). Dessa forma, o fenômeno excede as concepções acerca da negação da vida e da autoprovação da morte: igualmente fazem parte de sua constituição a busca pela vida que lhe é negada e a influência de condições externas que conduzem ao auto-extermínio.

As diversas transformações de significados acerca do suicídio produzidas ao longo da história tiveram como base os valores e configurações morais, econômicos e políticos de determinada sociedade. Para Berenchtein Netto (2007), a constituição histórica do suicídio ressalta três aspectos relacionais entre o fenômeno e: I. As concepções de vida e morte; II. O desenvolvimento material e instrumental da sociedade; e III. A consciência que o sujeito mantém sobre si e sobre o outro. O relato mais antigo de um caso de suicídio é datado de 2.500 a.C em uma cidade na Mesopotâmia, onde doze pessoas ingeriram veneno intencionando a autoprovação de suas mortes. Desde então, o fenômeno passa a ser atravessado e moldado pelos mais diversos elementos da vivência humana, podendo ser socialmente encorajado, tolerado ou proibido a partir da mediação destes. Quando tomamos exemplos das distintas configurações sociais do suicídio, temos que, na Antiguidade, o suicídio consistia em um meio de evitar os males da velhice ou de legitimar o espírito guerreiro. Posteriormente, na Grécia Antiga, o autoextermínio torna-se uma decisão política racionalizada, perpassada pelos valores éticos e morais da época. Já a partir do século VI d.C, com a apropriação da morte pela Igreja Católica, o suicídio torna-se crime e pecado sujeito às severas punições do tribunal divino (Botega, 2015).

Concomitantemente às transformações de significado sofridas pelo suicídio ao longo da História, também foram feitas diversas tentativas de investigação e explicação desse fenômeno e dos múltiplos elementos que o determinam. As construções de modelos teóricos do suicídio complementam-se, contradizem-se e alternam-se, ao passo que partem, majoritariamente, de esferas isoladas de sua determinação (Cassorla, 2021). A compreensão do suicídio como produto de um fator exclusivamente psicológico, sociológico ou biológico tem impacto direto na construção de seus significados e do posicionamento da sociedade perante o sujeito suicida. A busca incessante, ainda que reduzida, das diversas ciências por uma explicação absoluta que revele, enfim, as equações universais que permeiam o ato suicida, são infrutíferas desde suas intenções, já que partem do objetivo de abarcar em uma única resposta toda a complexidade do fenômeno. Ater-se a crenças reducionistas dos mais diversos veículos de explicação é o meio pelo qual, temporariamente, nos afastamos do sentimento de impotência provocado pelos fenômenos desconhecidos que transpassam nossas especulações acerca da vida e da morte (Cassorla, 2021).

A investigação do suicídio a partir de sua natureza subjetiva consolida-se, sobretudo, nos estudos do campo da psicanálise. Apesar de não ter se estendido na abordagem direta do suicídio em suas obras, Freud (1856-1939) evidenciou conceitos fundamentais que seriam utilizados posteriormente por diversos autores na construção de uma teoria psicanalítica do suicídio. Em *Luto e Melancolia* (Freud, 1917/2011), o autor investiga estas duas manifestações psíquicas frente à perda de objeto e aponta a melancolia como possível precursora do ato suicida. Nela, o destroçamento do objeto amado coincide com a eleição do próprio Eu como centro da relação objetal. Dessa forma, a violência infligida pelo sujeito a si mesmo visa, na verdade, a destruição do objeto perdido que foi incorporado no Eu. Essa dinâmica permite que os investimentos libidinais retornem ao Eu e que encontrem neste a satisfação sádica na forma de autodestruição. Em *O Eu e o Id*, Freud (1923/2011) acrescenta, ainda, o papel do Supereu nas tendências suicidas do estado melancólico: enquanto representante das severas exigências morais da sociedade, e governado por uma “pura cultura do instinto [pulsão] de morte” (Freud, 1923/2011, p. 66), o Supereu excessivamente forte pode impor ao Eu, através do sentimento de culpa, a sua própria morte.

O caminho aberto por Freud acerca das tendências humanas autodestrutivas e do segundo dualismo pulsional prosseguiu sendo semeado pelos demais teóricos do campo da psicanálise. Esta influência pode ser observada, por exemplo, na obra de Kalina e Kovadloff (1983), que propuseram o estudo das denominadas condutas sociais autodestrutivas. Os autores caracterizam o suicídio como uma resposta psicótica à indução da autodestruição resultante da configuração social, sendo, portanto, um comportamento coletivo. Em seu livro *As Cerimônias da Autodestruição* (1983), os autores desmistificam o caráter aparentemente autônomo do suicídio e definem o sujeito suicida como um “condenado à morte que executa a sentença fatal com suas próprias mãos” (Kalina & Kovadloff, 1983, p. 19). No entanto, não buscam com essa definição retratar o suicida enquanto um mero agente passivo neste processo. Segundo Kalina e Kovadloff (1983), essa indução apenas é efetiva quando aplicada sobre um potencial suicida, o que torna o suicídio um ato concomitante de rebeldia e submissão.

Em contrapartida, o psiquiatra americano Karl Menninger (1893-1990) ocupa-se da autodestruição a partir de seu âmbito individual. Para o autor, o suicídio consiste na aliança entre o sujeito e as forças externas destrutivas na busca pelo seu auto-aniquilamento. O fenômeno é descrito como sendo composto por três elementos: o desejo de morrer, o desejo de matar e o desejo de ser morto, de modo a combinar no mesmo objeto o assassino e o assassinado. Menninger (1938/1938) questiona, ainda, a flutuação de significação do suicídio na sociedade: “O suicídio é uma fuga de uma situação de vida intolerável. Se a situação é externa, visível, o suicídio é corajoso; se a luta é interna, invisível, o suicídio é loucura” (Menninger, 1938 p.17).

É perceptível que não há uma teoria consensual acerca do suicídio dentre os teóricos da Psicanálise e, tampouco, fora dela. Seja partindo da esfera interpessoal em direção aos fenômenos intrapsíquicos, como fizeram Kalina e Kovadloff (1983) ou se atendo exclusivamente aos seus aspectos individuais, como pretendeu Menninger (1938), o suicídio permanece sendo de difícil compreensão. Entretanto, apesar da dificuldade de convergência teórica, um dos pressupostos descritos por Freud acerca do fenômeno permaneceu sendo contemplado na obra dos demais autores: a complexidade dos conflitos que o permeiam.

Esta questão também será uma constância nas obras de Sándor Ferenczi, onde a temática do suicídio e do conflito pulsional serão acrescidas do elemento traumático. Quando comparado aos pressupostos dos diferentes autores psicanalistas levantados acima, Ferenczi nos parece o que melhor avança e integra os estudos realizados por Freud acerca desta temática em específico.

O psicanalista húngaro, cujas ideias serviram (juntamente às de Freud) como fundamentação das discussões levantadas no presente trabalho, trouxe ainda uma importante consideração a esta equação: o caráter dinâmico presente nas relações traçadas entre estes elementos. Inicialmente, em trabalhos como *A criança mal acolhida e sua pulsão de morte*, [Ferenczi](#) (1928/1992) parte dos casos de crianças com experiências traumáticas ou de desamparo para analisar a atuação da pulsão de morte. O interesse por tais casos surge da aparente falta de energia vital que essas crianças apresentam posteriormente ao longo da vida, tornando-as mais suscetíveis às forças autodestrutivas. É neste contexto que fenômenos como o suicídio não apenas encontram menor resistência para se materializarem, mas também são, frequentemente, auxiliados pelo próprio indivíduo neste processo.

Entretanto, serão em notas nunca oficialmente publicadas por Ferenczi que encontraremos suas principais considerações sobre o suicídio, as quais indicam o possível caminho que o autor teria seguido em seus estudos, não fosse pela sua morte precoce aos 59 anos. Foi com base nestes textos, acrescidos dos caminhos teóricos traçados pelo próprio autor e por Freud, que buscamos tratar das relações intersubjetivas travadas entre os fenômenos do suicídio, do trauma e da pulsão de morte. O uso em especial dos textos incompletos - mas de extrema relevância - de Ferenczi, possibilitou lançar sobre as temáticas mencionadas um novo prisma de possibilidades pouco trabalhadas na literatura.

Tendo em vista os pontos levantados, destaca-se, por fim, que o objetivo do presente artigo foi apresentar, a partir das obras de Freud e Ferenczi, as diversas manifestações da pulsão de morte no processo traumático que tenham como resultado a resignificação do suicídio. Para tanto, foi traçado o percurso realizado por Freud na definição do trauma e nas transformações sofridas pelo conceito até sua revisitação nas teorias de Ferenczi. Em seguida, foi igualmente analisado o conceito de pulsão de morte à luz dos dois autores.

Posteriormente, ambos os termos foram examinados na relação dinâmica estabelecida entre eles dentro do processo traumático, o qual encontra, por fim, no suicídio sua manifestação radical. Finalmente, a conclusão do presente trabalho se deu através das transformações dos significados acerca do suicídio possibilitadas pelas concepções singulares de Ferenczi. Cabe-se ressaltar que não se pretendeu esgotar no presente trabalho as articulações entre suicídio, trauma e pulsão de morte; buscou-se, apenas, a apresentação de uma perspectiva alternativa de análise para esta questão.

Método

Trata-se de um estudo qualitativo, abordagem cujo principal diferencial consiste na possibilidade de aproximação aprofundada e integrada junto ao objeto de pesquisa em questão. Além disso, possibilita o contato com esferas da vivência humana de forma multideterminada, as quais muitas vezes não são acessíveis aos métodos científicos quantitativos ([Minayo & Deslandes, 2014](#)). O emprego da abordagem qualitativa faz-se especialmente imprescindível na investigação de fenômenos complexos como o suicídio, que exigem ferramentas capazes de aproximarem-se de sua totalidade e não reduzi-lo à constatações superficiais.

O presente estudo configura-se, ainda, como um ensaio teórico de caráter exploratório com base na abordagem psicanalítica. Foram utilizados, primordialmente, os escritos de Sigmund [Freud](#) (1856-1939) e Sándor [Ferenczi](#) (1873-1933) no que se refere aos conceitos de trauma, pulsão de morte e suicídio, além das interrelações estabelecidas entre tais unidades. A investigação em psicanálise diferencia-se, especialmente, por abordar fenômenos que não são passíveis de experimentação ou verificação direta e que, devido a este caráter, são negligenciados pelas demais psicologias ([Rodrigues, Costa, Silva & Silva, 2005](#)).

Tal abordagem, quando em contato com temáticas como o suicídio, possibilita uma maior compreensão de esferas referentes a este fenômeno que usualmente passam despercebidas às demais investigações. Por fim, o conhecimento psicanalítico reconhece suas limitações e valoriza a complexidade do objeto em questão, não pretendendo esgotá-lo em sua análise ([Rodrigues et al., 2005](#)).

Resultados

A origem do conceito de trauma e sua influência na idealização da pulsão de morte

De origem grega, a palavra trauma significa “ferida” e corresponde a uma intensa experiência emocional que imprime prolongadamente traços de sofrimento ao aparelho psíquico. O trauma como fenômeno ocupa uma dupla posição significativa: define simultaneamente o evento (traumático) e o sujeito (traumatizado). Para que transcorra o trauma, é necessária a junção entre uma determinada situação de terror e o despreparo da estrutura psíquica do sujeito que a experiencia. A intrínseca desestabilização traumática da relação entre este e seu ambiente põe em xeque as frágeis concepções de realidade construídas até então (Ferenczi, 1934/1992).

Uma segunda característica intrigante do poder de significação do traumático consiste na determinação do nível de inserção do sujeito na sociedade. Podendo ser um evento individual ou coletivo, o trauma assume uma dupla potencialidade: quando sofrido solitariamente, ele isola e aliena; quando vivenciado em conjunto, o mesmo torna-se epidêmico. Diversos acontecimentos históricos comoveram nações e resultaram em marcas permanentes para a humanidade, sendo exemplos as guerras mundiais, os ataques de 11 de setembro de 2001 às Torres Gêmeas e a atual pandemia da COVID-19. São traumas coletivos como esses que, em um curto período de tempo, transformam as estruturas políticas, econômicas e sociais vigentes e metamorfoseiam os significados de indivíduo, sociedade e mundo.

A temática do trauma tem seus primeiros aparecimentos na psicanálise em textos freudianos datados de 1893 e de 1896, e desde então sofreu importantes transformações. A formulação teórica de Freud acerca do traumático teve dois pontos principais em sua constituição: em um primeiro momento, o trauma é acompanhado da teoria da sedução e, posteriormente, passa a ser concebido para além do princípio do prazer. Ao longo de sua obra, Freud desprende o trauma de sua exclusiva relação com a neurose e o amplia para o campo do dualismo pulsional, o qual, como veremos adiante, também é terreno fértil para a materialização do suicídio. Esta mudança de

perspectiva possibilitou o deslocamento do sujeito de um papel, até então, puramente passivo para uma função ativa e reativa, a qual viabilizou, por sua vez, o questionamento dos demais elementos envolvidos no trauma.

As teorizações iniciais de Freud acerca do trauma são empiricamente construídas em seu próprio consultório ao observar o notório impacto que experiências desprazerosas na infância tinham na constituição psíquica atual de seus pacientes. Neste contexto, são especialmente destacadas as diversas ações do trauma sobre o fenômeno da histeria. É à luz dessas considerações que o autor desenvolve sua primeira teoria sobre o trauma: a vivência de uma experiência concreta de ordem sexual nos primeiros anos da infância acarreta no recalçamento da cena, a qual é posteriormente resgatada e ressignificada na forma de sintomas neuróticos simbolicamente relacionados a ela (Freud, 1896/1994). Entretanto, será pelo reconhecimento do erro de factualidade da cena traumática que Freud abandonará, quatro anos após sua constituição, a teoria da sedução e partirá para a elaboração do trauma a partir de novos elementos. Nasce, dessa forma, as compreensões fundamentais acerca da realidade psíquica e da fantasia (Lindenmeyer, 2017).

Despertado pelas extensas discussões acerca das chamadas neuroses de guerra resultantes da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), Freud toma frente na investigação do fenômeno de repetição dos elementos traumáticos e da simbologia sintomática destes (Lindenmeyer, 2017). Para tanto, o autor estende-se nas explicações econômicas sobre o aparelho psíquico buscando compreender seu funcionamento para além do princípio do prazer. O trauma passa a ser concebido a partir de uma perspectiva quantitativa dos montantes de energia que invadem o psiquismo, e Freud introduz o modelo da vesícula para ilustrar tal dinâmica. Em linhas gerais, a segunda teoria do trauma o define como uma invasão, no aparelho psíquico, por montantes excessivos de energia externa. A cena traumática configura-se a partir da falta de artifícios presentes no psiquismo para transformar a energia livre excedente em energia ligada, à qual induz ao mecanismo de repetição e reduz significativamente a capacidade de trabalho do aparelho psíquico (Câmara & Herzog, 2019). Até os dias atuais, a teoria freudiana do trauma é frequentemente revisitada e aperfeiçoada por seus discípulos.

É a partir de 1930 que Sándor Ferenczi resgata uma importante questão da teoria do trauma há tempos abandonada por Freud: seu caráter concreto e exógeno. Segundo o autor, um evento adquire o estatuto de traumático quando decorre do choque da confusão de línguas entre a criança e o adulto. Em primeira instância, o contraste entre a ternura expressa pela criança e a paixão respondente do adulto é experienciada por aquela enquanto um acontecimento incompreensível e inesperado. Posteriormente, na tentativa de atribuir uma significação ao evento ocorrido, a criança busca um outro adulto e tem suas percepções por este desautorizadas, configurando o caráter desestruturante do trauma. Esse segundo momento traumático é denominado desmentido, e caracteriza o principal diferencial da teoria do trauma de Ferenczi (Favero & Rudge, 2009).

O psicanalista húngaro atualiza as ideias de Freud ao explorar as implicações posteriores à cena traumática imprimidas no aparelho psíquico da criança. O sentimento de angústia subsequente ao trauma deixa uma única saída à criança desamparada: a fragmentação dos conteúdos psíquicos e, por conseguinte, do próprio Eu. Tal recurso é denominado clivagem, e constitui um dos mecanismos de defesa distinto do recalçamento. Deste processo resultam ao menos duas versões adaptadas do Eu original: uma que encena o papel de criança indefesa e outra que se apropria do papel de cuidador, cujos elementos de sua relação objetual primária falharam em cumprir (Favero & Rudge, 2009). É particularmente nesta autodestruição auto-protetiva, proveniente da pulsão de morte, que pretendemos nos debruçar agora para explorar a ressignificação do suicídio no evento traumático.

A pulsão de morte e os primeiros indícios de seu potencial criativo

O termo “pulsão” (Trieb) é oficialmente inaugurado nos textos de Sigmund Freud na obra *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, de 1905 (Freud, 1905/2016), e desde então foi revisitado pelo autor diversas vezes durante sua investigação acerca do funcionamento psíquico. Em *Pulsões e Destinos das Pulsões*, Freud (1915/2010) apresenta três definições para a noção de pulsão: a) conceito-limite entre o psíquico e o somático; b) representante psíquica dos

estímulos corporais; e c) medida da exigência de trabalho imposta ao psíquico. Ainda nesse texto, o autor formula sistematicamente sua primeira teoria acerca do dualismo pulsional, conhecida como a “Teoria da Libido”. Nesta teoria, Freud agrupa as pulsões em duas classes: as pulsões do Eu (ou de autoconservação) e as pulsões sexuais. Segundo o autor, a primeira classe é composta pelas pulsões cujo objetivo é a conservação do sujeito, enquanto a segunda é voltada para a manutenção da espécie. No entanto, a primeira teoria sempre teve sua instabilidade decretada, dado que Freud referia-se à possibilidade de sua substituição desde o início de sua introdução. Já em 1920 (Freud, 1920/2010), o autor revê sua conceitualização e, em *Além do Princípio do Prazer*, propõe uma nova classificação: as Pulsões de Vida (Eros) e as Pulsões de Morte (Thanatos).

Em sua segunda teoria, Freud categoriza as até então chamadas pulsões sexuais e de autoconservação em uma única unidade, a pulsão de vida, a qual teria como meta a busca por estímulo e a preservação do sujeito. Apesar do caráter dinâmico e paradoxal das relações presentes na dualidade pulsional, cabe à pulsão de vida, por meio do princípio de ligação, a multiplicação e a união de estruturas cada vez mais complexas, visando o desenvolvimento e o crescimento do organismo. Por outro lado, a recém-introduzida pulsão de morte foi encarregada de abarcar todas as forças que abrigavam a obscura tendência de retorno à inércia. Nesta pulsão, se reúnem os impulsos desintegradores mais primitivos, que, repetidamente, buscam o absoluto esgotamento das tensões, e que, caso não encontrem resistências, decretam ao organismo o objetivo primário da vida: isto é, a morte (Freud, 1920/2010).

Ao longo da década de 1920, a pulsão de morte é, progressivamente, materializada como pulsão de destruição na obra freudiana. Motivado pelo questionamento acerca da vitória majoritária (mesmo que momentânea) da pulsão de vida em sua batalha travada contra a pulsão de morte, Freud passa a investigar a dinâmica de interação entre elas. A morte enquanto fenômeno inevitável não deveria encontrar a menor dificuldade em rapidamente encaminhar os sujeitos para seus destinos já traçados. A forma encontrada por Eros para desviar o sujeito de seu caminho de retorno ao inorgânico é através da deslocação das próprias tendências destrutivas para o exterior (Freud, 1923/2011).

Freud elege a compulsão à repetição como o que há de mais “pulsional” nas pulsões de morte, dado seu caráter repetitivo e fixado. Apesar de representar um dos mecanismos destrutivos mais primitivos, a repetição também possui uma função estruturante positiva: ao repetir um estímulo desprazeroso, o sujeito busca elaborá-lo e tornar-se ativo diante de uma situação na qual se encontrava, outrora, passivo. Entretanto, quando a quantidade de energia desprazerosa é excessiva em relação à capacidade de elaboração do aparelho psíquico, a situação em questão passa a integrar-se à ordem do traumático, e a possibilidade elaborativa da repetição, assim como da pulsão de morte, torna-se infértil. Diante do irrepresentável, a compulsão à repetição passa a ser um desperdício das energias de contra-investimento, resultando na diminuição das demais atividades psíquicas. Sem o conflito pulsional, o caráter criativo da pulsão de morte é suspenso e esta passa a agir sozinha, retornando seu investimento ao próprio Eu e promovendo sua autodestruição (Prata, 2000).

No que diz respeito às misteriosas relações dinâmicas entre a dualidade pulsional, Freud relata: “Ainda não podemos conceber de que modo os instintos das duas espécies se ligam, misturam, amalgamam uns com os outros; mas que isto sucede regularmente e em larga medida é uma suposição inescapável em nosso contexto” (Freud, 1923/2011, p. 51). A investigação deste dinamismo, tal qual sua flexibilização, pode ser encontrada nas obras de seus sucessores, sobretudo em Ferenczi. Desde seus textos iniciais, o psicanalista húngaro apresenta um particular interesse acerca das repercussões da pulsão de morte na vivência humana, como é possível observar em suas análises a respeito dos conceitos de repetição e regressão. Em *Thalassa*, Ferenczi (1924/2011) acrescenta ao complexo edípico o desejo de retorno à inércia intrínseca à experiência humana, sendo, neste caso, caracterizado pela regressão à vida intra-uterina. Posteriormente, Ferenczi passa a trabalhar em favor da inserção da pulsão de morte nos processos de desenvolvimento humano e da resignificação da destruição enquanto causa do devir. Destacam-se nessa linha de pensamento os textos *O problema da afirmação do desprazer* (Ferenczi, 1926/2011) e *A criança mal acolhida e sua pulsão de morte* (Ferenczi, 1928/1992).

A Psicanálise freudiana sofreu incontáveis transformações ao longo do processo de substituição da primeira

teoria pulsional, cujo núcleo eram as pulsões sexuais e de autoconservação, pela sua segunda, na qual foram introduzidas as pulsões de vida e de morte. No entanto, ambas as teorias tiveram seu caráter dualista preservado, onde a relação de oposição entre as duas categorias pulsionais seria responsável pelos conflitos psíquicos. Nesse sentido, as tendências criativas da pulsão de morte só se tornam possíveis, em Freud, quando analisadas sob a perspectiva conflitual inerente ao dualismo pulsional. Quando desagregada deste, a pulsão de morte volta-se exclusivamente à sua função conservadora de destruição e suas tendências criativas tornam-se inférteis (Prata, 2000).

Será Ferenczi que, ao questionar a posição dualista frente às pulsões, expandirá as possibilidades de atuação criativa da pulsão de morte. Para o autor, pulsão de vida e pulsão de morte não deveriam ser concebidas como duas forças independentes de função e atuação opostas, segundo ele, as duas não se diferem em sua natureza (Ferenczi, 1924/2011). A partir de uma perspectiva monista, Ferenczi parte da compreensão de que as tendências destrutivas não apenas fazem parte, mas são imprescindíveis para a consolidação de um ciclo vital (Gondar, 2017). Dito em outras palavras, o conceito de vida seria inconcebível sem a existência do conceito de morte. Da mesma forma, a destruição (usualmente associada à pulsão de morte) torna-se condição para a possibilidade de criação (atribuída à pulsão de vida). Quando concebida como segmento de um mesmo processo no qual integra a pulsão de vida, as manifestações criativas da pulsão de morte deixam de ser possibilidades isoladas para se tornarem traços inerentes a esta categoria pulsional.

A nova forma de compreender a dinâmica pulsional introduzida por Ferenczi teve grandes impactos não apenas no estudo da pulsão de morte, mas também em diversos outros conceitos da psicanálise clássica reavaliados pelo autor. Cabe ressaltar aqui a influência das tendências autodestrutivas na investigação do trauma, fenômeno sobre o qual Ferenczi dedicou grande parte de seu trabalho. É pela via do traumático que o psicanalista irá explorar as ações da pulsão de morte contextualizadas na vivência humana. E será, igualmente, através da relação dinâmica entre as tendências autodestrutivas e a cena traumática que contemplaremos o comportamento suicida como um ato de subversão no presente estudo.

As manifestações subversivas da pulsão de morte no processo traumático

Tendo em vista as reflexões realizadas até então acerca dos conceitos de suicídio, trauma e pulsão de morte na teoria psicanalítica, passaremos agora a investigar as relações traçadas entre tais fenômenos a partir de uma perspectiva dinâmica e vivencial. Ou seja, como a interação entre tais elementos se concretiza na experiência humana, especialmente no tocante ao comportamento suicida. Para tanto, no intuito de analisar o caráter processual do trauma, partiremos dos elementos antecedentes a este, passaremos pela cena traumática propriamente dita e finalizaremos em suas repercussões impressas no aparelho psíquico. Neste seguimento, também serão expostas as diversas manifestações da pulsão de morte nesta cadeia de fenômenos, de forma a ressaltar seu caráter subversivo. Ao fim deste tópico, pretendemos ter levantado considerações suficientes acerca dos fenômenos envolvidos no trauma para que possamos considerar o suicídio como uma resposta final de insubordinação à destrutividade traumática.

Para que determinado episódio seja qualificado enquanto traumático, é necessário que o sujeito que o experiencia esteja em conformidade com algumas características antecedentes necessárias. A mais imprescindível delas consiste na capacidade de reação do aparelho psíquico frente à súbita invasão de excessivos montantes de energia, ou, neste caso, a falta desta competência (Ferenczi, 1934/1992). Dito em outras palavras, não é a configuração de uma determinada situação que fará desta um trauma, mas sim a falta de preparo psíquico e a impossibilidade de superá-la. A subitaneidade da invasão descomedida de desprazer provoca, no sujeito, um choque paralisante que imobiliza suas faculdades representativas, traumatizando-o (Freud, 1920/2010). Como consequência imediata desse cenário, o sujeito é acometido por uma angústia asfixiante e passa a sentir-se impotente e desesperançado. Como será discutido posteriormente, é a junção entre a impotência de reação e o crescente desprazer que torna o recuo à pulsão de morte a única alternativa plausível (Ferenczi, 1934/1992).

Uma segunda importante consequência do evento traumático consiste nas mudanças de direcionamento afetivo da pulsão de morte e o impacto disso na relação entre o sujeito e o ambiente. Sabe-se que a diferenciação entre mundo interno e ambiente

externo é uma das faculdades centrais em algumas teorizações freudianas acerca do desenvolvimento, dado que, para o autor, é a partir de tal distinção que serão formadas as primeiras relações objetais (Freud, 1895/1996). Essa diferenciação também é essencial para a preservação do sujeito no que tange à direção dos investimentos afetivos da pulsão de morte. Entretanto, no estado de trauma, a relação entre o sujeito e seu ambiente fica comprometida, prejudicando, igualmente, o direcionamento pulsional. O "modelo da vesícula" proposto por Freud (1920/2010) ilustra a relação externo-interno do processo traumático e sua influência na particularização do trauma: a energia livre excedente que invade a psique é sempre externa e está sempre vinculada ao outro. Dessa forma, nos casos onde a tendência à autoconservação é repelida por forças externas excedentes e as defesas psíquicas são esgotadas - e aqui podemos ressaltar o evento traumático -, a energia destrutiva regressa contra o próprio sujeito.

Ressalta-se, ainda, a leitura já presente em Freud acerca da dupla funcionalidade da pulsão de morte enquanto potencial poder destrutivo e criativo, verificável, por exemplo, nos processos de denegação e sublimação (Freud, 1923/2011). Entretanto, nota-se que tal possibilidade criativa das pulsões destrutivas apenas é materializada na dinâmica de seu conflito com a pulsão de vida. Dito em outras palavras, o caráter relacional da dualidade pulsional é fundamental para o desenvolvimento do sujeito. É através da força desequilibrante da pulsão de morte que o Eu, auxiliado pela pulsão de vida, realiza o trabalho de ligação da energia livre presente no aparelho psíquico, possibilitando novas elaborações. Em contrapartida, em sua atuação solitária, isto é, desfusionada da pulsão de vida, os efeitos da pulsão de morte passam a ser também de caráter autodestrutivo (Prata, 2000).

Em uma de suas notas posteriormente publicadas, Ferenczi discorre acerca da potencialidade adaptativa contida no processo de desintegração realizado pela pulsão de morte. Para o autor, quando o sujeito se vê diante de uma alteração desfavorável em seu ambiente externo, o mesmo passivamente desintegra parte de si a um nível de maior plasticidade e, portanto, maior possibilidade de adaptação. Em eventos traumáticos, onde as forças externas são avassaladoras e os recursos internos insuficientes, o curso da desintegração pode ter como fim a desmaterialização do sujeito (Ferenczi, 1930/1992).

[Ferenczi](#) (1931/1992) baseia-se na obra freudiana para defender que, idealmente, a pulsão de morte encontra-se direcionada aos objetos externos ao sujeito, a fim de protegê-lo de seu próprio poder destrutivo. No entanto, em contrapartida à concepção relativamente cristalizada da dualidade pulsional proposta por Freud, Ferenczi introduz a possibilidade de questionar, neste processo, sua plasticidade direcional. A potencialidade preservadora da pulsão de morte também pode ser encontrada quando suas forças destrutivas são investidas na direção do próprio sujeito.

Em detalhe, quando o investimento é parcial, a pulsão de morte promove a fragmentação de parte do Eu, possibilitando sua adaptação às demandas do ambiente. Entretanto, quando a tentativa de adequação é infrutífera, o investimento autodestrutivo é completo e o desfecho é a aniquilação do sujeito. Sabe-se que no jogo de forças que envolve o aparelho psíquico, a descarga das energias excessivas acontece, primordialmente, pelo caminho que apresentar menor resistência ([Freud](#), 1895/1996). Dessa forma, a pulsão de morte assume um caráter ajustável frente às demandas do aparelho psíquico. Como produto desta entidade, o suicídio também pode ter sua função modificada em razão das configurações contextuais e da inserção relacional do sujeito nesta situação.

Os crescentes questionamentos acerca da pulsão de morte e da confirmação, igualmente crescente, de sua plasticidade, servirão de base para a revisão de outros pontos fundamentais da Psicanálise. Será igualmente através da investigação da pulsão de morte que Freud irá repensar um dos preceitos mais íntegros em sua teoria até então: o princípio do prazer. Em termos econômicos, atestar a primazia desse princípio significa dizer que o trabalho do psiquismo se resume no constante esforço para manter os níveis de excitação mais baixos possíveis. Entretanto, a crescente evidência de fenômenos que fugiam a essa regra, e a lacuna aberta pelo potencial criativo da pulsão de morte diante do conflito pulsional, fizeram com que Freud passasse a indagar o verdadeiro papel do princípio do prazer no funcionamento psíquico ([Freud](#), 1920/2010). Para tanto, a simples discriminação de um estímulo como prazeroso ou desprazeroso não era suficiente, sendo necessário identificar através de qual mecanismo o aparelho psíquico conciliava a conformação da ação de estímulos desprazerosos com a ação do princípio do prazer.

Os questionamentos de Freud acerca das divergências entre o princípio do prazer e a afirmação do desprazer serão melhor contemplados posteriormente, quando [Ferenczi](#) (1926/2011), em *O problema da afirmação do desprazer*, apresenta a fórmula que possibilita sua coexistência. Neste texto, o autor discorre sobre a potencial atividade de uma espécie de cálculo anímico que trabalhe em função da constante compensação entre os afetos presentes no aparelho psíquico. Em um cenário onde o recalque e a negação já não dão conta de reter o estímulo desprazeroso, o reconhecimento deste torna-se a opção menos desagradável e, portanto, de menor resistência. O trabalho empregado pela “inteligência psíquica” na transfiguração de um estímulo desprazeroso em um prazer relativo como forma de apropriação do ambiente hostil encontra seu ápice em um elemento há tempos introduzido por Freud: o masoquismo.

Em *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade*, [Freud](#) (1905/2016) revolucionou o campo da sexualidade ao retirar o masoquismo do âmbito das perversões patológicas e passar a considerá-lo como um dos componentes intrínsecos à sexualidade humana. [Ferenczi](#) (1930/1992), por sua vez, utiliza-se dos escritos de seu preceptor para sustentar a hipótese constituída por Freud acerca do caráter defensivo da satisfação masoquista. No intuito de ilustrar sua ponderação, o autor serve-se do exemplo de um pássaro que, diante de sua inevitável morte, precipita-se sem grande resistência em direção ao seu predador. O reconhecimento do desprazer e da insustentabilidade de suas defesas possibilitam-no encontrar nas tendências ao repouso certa forma de usufruição egóica. A submissão masoquista torna-se a solução do problema de matemática psíquica que se configura neste contexto quando se somam as forças da pulsão de morte. Novamente, Ferenczi evidencia a plasticidade do aparelho psíquico diante das demandas do ambiente.

Resgatemos, em conclusão, a lacuna aberta no início deste tópico acerca do emprego das forças destrutivas da pulsão de morte enquanto último e definitivo recurso contra o trauma. Como exposto anteriormente, ao longo do processo traumático, as pulsões de morte manifestam-se de diferentes formas, contribuindo para a tentativa de apropriação pelo sujeito da hostilidade do ambiente ou para sua autodestruição progressiva. Também foi discutida a possibilidade de que, quando antecipado, o desprazer pode

ser transformado em um prazer relativo advindo da satisfação masoquista. Resta, portanto, um último ponto a ser discutido: o meio objetivo pelo qual essa resignificação ocorre.

Segundo [Ferenczi](#) (1934/1992), a apropriação pelo sujeito de seu próprio sofrimento é potencialmente libertador, dado que seu destino já não fica mais à mercê de forças externas. Sabe-se que a impossibilidade de reação frente ao traumático coloca o sujeito em uma posição de passividade e submissão frente a ação deste, tornando o processo duplamente desprazeroso. No entanto, ao antecipar o desprazer, tornando ele próprio produtor de sua destruição, o sujeito reverte sua posição e elimina o sentimento de angústia que acompanha esta dinâmica. A extinção da angústia por si só já é suficiente para cessar parte do desprazer e resignificá-lo, de forma a potencializar a obtenção de satisfação a partir da autodestruição. Conclui-se, finalmente, que o mais radical e definitivo potencial subversivo da pulsão de morte encontra-se no ato suicida final.

Conclusões

Após a inserção da pulsão de morte na cadeia de fenômenos decorrentes do evento traumático, podemos finalmente elencar o suicídio como o elo final deste processo. A tendência suicida perpassa indiretamente por todos os estágios do segmento de reações ao traumático, e alimentada pelo excesso, encontra ao seu final o extravasamento por meio do ato. O suicídio representa o mais decisivo e absoluto símbolo da insubordinação em resposta ao trauma: “Antes de tudo, sou eu mesmo quem prescreve para mim mesmo o ritmo da vida e da morte: o fato de angústia diante de algo desconhecido é assim descartado. Comparado à expectativa de morte vinda do exterior, o suicídio é um prazer relativo.” ([Ferenczi](#), 1931/1992, p. 253). Aqui, já não é mais questionável se é preferível vivenciar o constante e eterno sofrimento ou dar fim a este em conjunto com a própria vida.

Como discutido anteriormente, para [Ferenczi](#) (1930/1992), a pulsão de morte carrega em si um potencial adaptativo que se dá por meio da desintegração parcial do Eu ou, em sujeitos com um sentido

de realidade altamente desenvolvido, por meio da transformação do ambiente. Entretanto, em contrapartida à passividade e à submissão presentes neste processo, o suicídio apresenta-se enquanto alternativa subversiva às tiranias do contexto hostil. Quando as tentativas de adaptação se demonstram inférteis, a pulsão de morte, em sua última oportunidade de preservar o sujeito (ou aquilo que restou deste), recorre à sua arma final: o ato suicida.

Neste cenário, o suicídio deixa de ser símbolo da autodestruição por si só e passa a ser um poderoso combatente às *forças externas*. Frente à falha dos demais recursos psíquicos de defesa e o progressivo processo traumático, a morte por suicídio não é *fim*, mas sim *meio*: meio de aniquilar definitivamente as energias externas invasoras e preservar os resquícios do Eu que até então não foram fragmentados. Em suma, constata-se a reconfiguração sofrida pelo suicídio no que tange a sua finalidade: isoladamente sua função é de *destruição interna*, mas quando este é contextualizado dentro do evento traumático, ele passa a objetivar a *defesa* do sujeito diante de *forças externas*. Essa transposição hipotética da função do suicídio aproxima-se das diversas manifestações criativas do conflito pulsional, que, muitas vezes, permanecem obscuras nos estudos psicanalíticos.

As investigações e contribuições de Ferenczi à teoria psicanalítica possibilitam a evidência de um complexo nível do funcionamento do aparelho psíquico, descoberto nas entrelinhas dos escritos de Freud e no aprofundamento do campo pulsional. Ferenczi interrompe a mentalidade dualista até então intrínseca à psicanálise para observar os fenômenos psíquicos a partir de uma lente flexibilizada de espectros. Os questionamentos sobre a complexidade do potencial humano, que muitas vezes não encontram respostas no conflito dualista pulsional, são contemplados com um prisma de novas possibilidades quando levamos em consideração a maleabilidade dessas forças psíquicas ([Gondar](#), 2017).

Adotando uma concepção de pulsão de morte que se relaciona profundamente com a pulsão de vida, Ferenczi resgata em Nietzsche um de seus principais argumentos: não há morte sem vida e não há vida sem morte. O predomínio clínico na obra de Ferenczi, em comparação à prioridade teórica freudiana,

possibilita um maior acesso às propriedades criativas presentes em fenômenos que, de início, aparentam ser completamente destrutivos (Gondar, 2017). Dessa forma, quando consideramos as pulsões de morte como elementos participativos no processo vital, determinar o suicídio como uma resposta autoprotetiva dentro do cenário traumático já não é uma tarefa impensável. Uma análise mais cuidadosa da instrumentalização do suicídio viabiliza a interpretação de que o que há de mais vital na vida não é o *estar vivo*, mas sim o valor potencial desta, que, muitas vezes, prioriza a autodestruição. Destacamos, ainda, a importância de novos estudos na área da suicidologia que abarquem a manifestação do fenômeno em diferentes contextos. Em especial, sublinhamos a necessidade de investigações sobre o suicídio como uma resposta ao trauma.

Conclui-se, por fim, que quando desconstruídas as representações reducionistas historicamente elaboradas acerca do suicídio, as complexas teias relacionais traçadas em torno deste podem ser mais profundamente investigadas. Quando inserimos esta questão no cenário traumático, o ato suicida obtém, ainda, um segmento protetivo. Precursora desse processo, descobrimos na pulsão de morte sua potencial plasticidade, a qual seria inconcebível à luz do dualismo pulsional tradicional. Neste contexto, torna-se claro que a funcionalidade da pulsão de morte vai além de suas capacidades destrutivas, tornando-a um importante recurso final para a preservação do sujeito. Dessa forma, concluímos que o potencial criativo das tendências autodestrutivas, concebido em torno das discussões acerca da vida e da morte, torna-se imensurável quando introduzimos fenômenos tão complexos como o ato suicida em resposta ao trauma.

Contribuições dos autores

Brandt, L. e Câmara, L. participaram de todas as etapas do processo de concepção, desenvolvimento e revisão final do presente estudo.

Conflitos de interesses

Nenhum conflito financeiro, legal ou político envolvendo terceiros (governo, empresas e fundações privadas etc.) foi declarado para nenhum aspecto do trabalho submetido (incluindo, mas não se limitando a subvenções e financiamentos, participação em conselho consultivo, desenho de estudo, preparação de manuscrito, análise estatística etc.).

Indexadores

A Revista Psicologia, Diversidade e Saúde é indexada no [EBSCO](#), [DOAJ](#) e [LILACS](#).

EBSCO

DOAJ

LILACS

Referências

- Berenchtein Netto, N (2007). *Suicídio: Uma análise psicossocial a partir do materialismo histórico dialético* [Dissertação de Mestrado, PUC-SP]. Repositório PUC-SP Teses e Dissertações. <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/17213>
- Botega, N. J. (2015). *Crise Suicida: Avaliação e Manejo*. Artmed.
- Câmara, L., & Herzog, R. (2019). Trauma: um estudo sobre a inibição generalizada. *Revista Subjetividades*, 19(3), e6857. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692019000300001
- Cassorla, R. M. S. (2021). *Estudos sobre Suicídio: Psicanálise e Saúde Mental*. Blucher.
- Favero, A. B., & Rudge, A. M. (2009). Trauma e desmentido. *Psychologica*, 50, 169-180. https://doi.org/10.14195/1647-8606_50_8
- Fairbairn, G. (1999). *Reflexões em torno do suicídio: a linguagem e a ética do dano pessoal*. Paulus.
- Ferenczi, S. (1992). A Criança Mal Acolhida e Sua Pulsão de Morte. In S. Ferenczi, *Obras Completas: Psicanálise IV* (1a ed., pp. 47-51). Martins Fontes. (Texto original publicado em 1928)
- Ferenczi, S. (1992). Observações Aforísticas Sobre o Tema: Estar Morto Ser - Mulher. In S. Ferenczi, *Obras Completas: Psicanálise IV* (1a ed., pp. 252-253). Martins Fontes. (Texto original publicado em 1931)
- Ferenczi, S. (2011). O Problema da Afirmação do Desprazer. In S. Ferenczi, *Obras Completas: Psicanálise III* (2a ed., pp. 431-443). Martins Fontes. (Texto original publicado em 1926)
- Ferenczi, S. (1992). Reflexões Sobre o "Prazer da Passividade". In S. Ferenczi, *Obras Completas: Psicanálise IV* (pp. 242-245). Martins Fontes. (Texto original publicado em 1930)
- Ferenczi, S. (1992). Reflexões Sobre o Trauma. In S. Ferenczi, *Obras Completas: Psicanálise IV* (pp. 109-117). Martins Fontes. (Texto original publicado em 1934)

- Ferenczi, S. (2011). Thalassa: ensaio sobre a teoria da genitalidade. In S. Ferenczi, *Obras Completas: Psicanálise III* (2a ed., pp. 277-357). Martins Fontes. (Texto original publicado em 1924)
- Freud, S. (1994). A hereditariedade e a etiologia das neuroses. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud: Volume III* (3a ed., pp. 214-248). Imago. (Texto original publicado em 1896)
- Freud, S. (2010). Além do Princípio do Prazer. In S. Freud, *Obras Completas Volume 14*. (pp. 161-239). Companhia das Letras. (Texto original publicado em 1920)
- Freud, S. (2011). Luto e Melancolia. In S. Freud, *Obras Completas Volume 12*. (pp. 170-194). Companhia das Letras. (Texto original publicado em 1917)
- Freud, S. (2011). O Eu e o Id. In S. Freud, *Obras Completas Volume 16*. (pp. 13-74). Companhia das Letras. (Texto original publicado em 1923)
- Freud, S. (2010). Os Instintos e Seus Destinos. In S. Freud, *Obras Completas Volume 12*. (pp. 51-81). Companhia das Letras. (Texto original publicado em 1915)
- Freud, S. (1996). Projeto para uma Psicologia Científica. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Volume I*. (pp. 341-455). Imago. (Texto original publicado em 1895)
- Freud, S. (2016). Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade. In S. Freud, *Obras Completas Volume 6*. (pp. 13-172). Companhia das Letras. (Texto original publicado em 1905)
- Gondar, J. (2017). A vontade de (se) destruir: Ferenczi com Nietzsche. In E. S. Reis, & J. Gondar. *Com Ferenczi: clínica, subjetivação, política*. 7 Letras.
- Kalina, E., & Kovadloff, S. (1983). *As cerimônias da destruição*. Francisco Alves.
- Lindenmeyer, C. (2017). O traumatismo, de Freud a Ferenczi. *Tempo psicanalítico*, 49(1), 180-208. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tpsi/v49n1/v49n1a10.pdf>
- Menninger, K. A. (1938). *Man Against Himself*. Brace & World, Inc.
- Minayo, M. C. S., & Deslandes, S. (2014). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. Hucitec Editora.
- Prata, M. R. (2000). Pulsão de Morte: Mortificação ou Combate? *Ágora*, 3(1), 115-135. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982000000200007>
- Rodrigues, A. C., Costa, C. A. R., Silva, M. E. A., & Silva, E. P. (2005). Psicanálise, saber e conhecimento. *Revista do Departamento de Psicologia Universidade Federal Fluminense*, 17(2), 99-108. <https://doi.org/10.1590/S0104-80232005000200009>